

■ Ausência de burocracia é o ponto alto

Uma das características de Cingapura que mais chamou a atenção do secretário-adjunto de Desenvolvimento Econômico, Adriano Amaral, é a desburocratização do mercado. Lá, diz Amaral, é difícil saber o que é iniciativa privada e o que é público. Um não atrapalha o outro, mas, pelo contrário, andam juntos. A carga tributária em Cingapura é muito menor do que no Brasil, o que facilita a realização de investimentos.

– O governo não tem que gerar empregos, mas fornecer condições para que o setor produtivo cresça e absorva mão-de-obra. É esta a realidade em Cingapura e o que queremos para Brasília – diz Amaral.

Segundo Amaral, Cingapura, além de ter um mercado de capital bem desenvolvido, permite que os empresários façam empreendimentos com mais facilidade e eficiência.

– Cingapura entendeu que a concorrência hoje não é só por clientes e mercados, mas, sobretudo, por talentos. O setor produtivo precisa ter dinheiro para contratar cérebros de obra – afirma.

No relacionamento entre Brasília e Cingapura, Amaral diz que o governo agirá como elo entre empresas de lá e empresas daqui.

– Temos que unir quem sabe fazer. O governo não será operador de projetos ligados a parques de tecnologia e anel viário – explica. – Não adianta montarmos um parque de tecnologia aqui se não soubermos como preenchê-lo. O resultado seria péssimo para os cofres do governo – completa.

A ida a Cingapura do secretário adjunto de Desenvolvimento Econômico vai ao encontro de outras ações do governo. Como a viagem do governador José Roberto Arruda aos Estados Unidos em busca de recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), e a viagem do secretário de Ciência e Tecnologia, Izalci Lucas, para Coréia, Japão e China, com o objetivo também de atrair investimentos para os projetos na área de alta tecnologia do DF. Todas as três comitivas foram realizadas este mês.